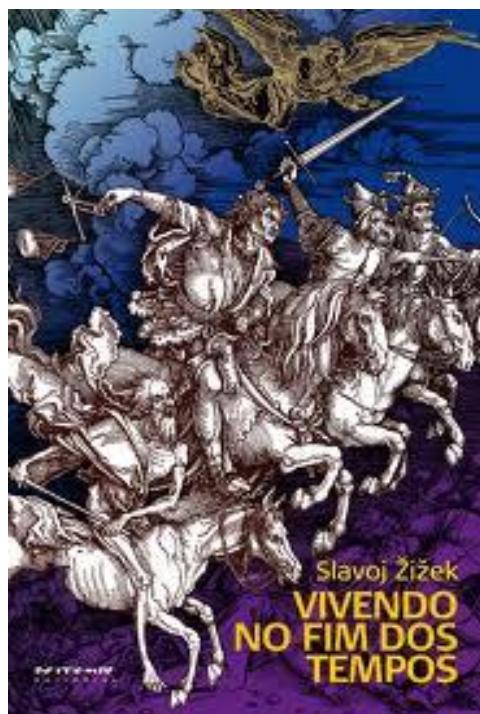


RESENHA

Vivendo no fim dos tempos¹

por Altair Reis de Jesus²



Hoje, em pleno século XXI, o mundo se depara com previsões apocalípticas sobre o final dos tempos e a necessidade imperiosa de propor explicações, pelo menos plausíveis, sobre o que de fato vem ocorrendo ao redor do planeta. Neste sentido, a proposta de Slavoj Zizek³, no seu livro *Vivendo no fim dos tempos*, coloca questões fundamentais sobre os rumos da sociedade contemporânea, ao fazer uma releitura dos pressupostos teóricos do liberalismo, sob um olhar analítico pautado na crítica da ideologia burguesa. Aliado a isso, o livro apresenta alguns dos grandes acontecimentos históricos que transcorreram todo o século XX, até chegar aos fatos ocorridos no século XXI, como, por exemplo, os atentados do 11 de setembro nos Estados Unidos.

Propondo uma análise multidisciplinar que vai desde a psicanálise lacaniana passando pelo estudo do marxismo, da religião, da filosofia, da sociologia e de outras áreas do conhecimento, Slavoj Zizek demonstra uma capacidade intelectual que permite propor uma série de explicações consistentes sobre os dilemas por qual passa a sociedade moderna

¹ ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012.

² Doutorando em Ciências Sociais/UFBA; Bolsista FAPESB – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia, integrante do grupo de pesquisa Oficina Cinema-História/UFBA. Atualmente estuda questões relativas ao Cinema-documentário, Cinema-História, Ideologia e imagens da barbárie na sociedade contemporânea. E-mail: altairreis2006@hotmail.com

³ Slavoj Zizek nasceu na Eslovênia em 1949. Filósofo e psicanalista tornou-se um dos mais importantes teóricos contemporâneos. Suas abordagens teóricas abarcam diversas áreas do conhecimento, tendo como principal referência as obras de Karl Marx e Jacques Lacan. Professor da European Graduate School e do Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana.

sobre o domínio do capital. Aliado a isso, a influência que o autor carrega das leituras das obras de Marx, aliado ao estudo da psicanálise de Jacques Lacan, torna seu trabalho uma referência importante para compreender a problemática que aflige a nossa sociedade. Logo, a proposta central do livro pode ser claramente explicitada nas palavras do próprio autor.

A premissa subjacente deste livro é simples: o sistema capitalista global aproxima-se de um ponto zero apocalíptico. Seus “quatro cavaleiros” do Apocalipse são a crise ecológica, as consequências da revolução biogenética, os desequilíbrios do próprio sistema (problemas de propriedade intelectual, a luta vindoura por matéria-prima, comida e água) e o crescimento explosivo das divisões e exclusões sociais. (ZIZEK, 2012, p.12).

Todas estas questões enumeradas por Zizek serão trabalhadas nos cinco capítulos que compõem o livro, levando-se em conta a dimensão epistemológica dos fenômenos aqui demonstrados, ao mesmo tempo em que se abre uma possibilidade para repensar os rumos até então tomados pela nossa civilização cujo ponto nevrálgico seria, na visão do autor, a necessidade da total aniquilação do modo de produção capitalista. A importância deste livro se dá também pela relevância dos temas abordados em cada capítulo, bem como, na densidade teórica do autor, ao propor uma abordagem bastante crítica no que se refere ao problema da ideologia nas suas múltiplas dimensões, sejam elas sociais, políticas, econômicas, religiosas ou culturais.

O capítulo primeiro do livro aponta para o problema da ideologia presente no pensamento liberal, sobretudo ao dar explicações superficiais sobre questões cruciais tais como a questão da tolerância, a crise ecológica, a biogenética, a crise alimentar e aos conflitos de natureza beligerante ao redor do planeta.

Como herdeiro do pensamento de Marx e de uma tradição marxista que pretendia desvendar os aspectos ideológicos presentes no pensamento liberal, Zizek observa que nos dias de hoje nos encontramos mergulhados na ideologia da ideologia e, portanto, torna-se necessário um tipo de abordagem que venha a tornar possível o sonho utópico radical em detrimento aos valores oriundos do pensamento liberal.

Na busca por uma explicação para os problemas ideológicos presente na visão liberal, o autor toma como exemplo o sistema de casta na Índia, fortemente amparada numa ideologia religiosa, que nem mesmo Gandhi ousou questionar quando se referiu aos intocáveis dentro da estrutura social indiana.

O que Gandhi tinha em mente era uma ordem de castas (formalmente) não hierárquica, em que cada indivíduo tinha seu lugar próprio: ele enfatizava a importância dos catadores de lixo e louvava os intocáveis por cumprir essa missão “sagrada”. É aqui que os intocáveis são expostos a uma grande tentação ideológica: de um modo que prefigura a atual “política de identidade”, Gandhi permite a eles que “se apaixonem por si mesmos” em sua identidade humilhante, aceitem o trabalho degradante como tarefa social nobre e necessária e perceba até mesmo a natureza degradante de seu trabalho como sinal de sacrifício, de disposição de fazer o trabalho sujo para o bem da sociedade. (Ibidem, p.36).

A crítica do autor permite compreender como determinadas formas ideológicas de consciência social escondem formas de dominação e opressão que nem mesmo uma pacifista como Gandhi conseguiu romper. Assim sendo, Zizek aponta para os problemas que advém da visão liberal (individualismo, livre mercado, pouca intervenção estatal na economia) que,

ao justificar sua posição política na sociedade atual, aceita nisto um mal menor diante de tamanhas incertezas e fracassos históricos que marcaram o século XX. O resultado para o autor é um mundo povoado por posições em grande parte superficiais sobre o que de fato vem ocorrendo com a sociedade nos últimos tempos. Diante disto, segundo o autor, mais do que reproduzir formas ideológicas, que em grande parte sustentam ou mesmo escondem enúmeras formas de dominação sob a ótica liberal burguesa, seria melhor a luta política emancipatória na direção de uma nova sociedade livre dos entraves produzidos pela sociedade capitalista. Essa abordagem proposta por Zizek, neste capítulo, é nada mais que uma tentativa de resgate, bem como, de uma nova releitura do materialismo histórico aplicado aos problemas da nova conjuntura do capitalismo global em sua fase tardia, numa escala nunca antes vista em épocas passadas.

No capítulo dois o autor se debruça na questão do ódio tendo como expressão mais evidente o antisemitismo e todo tipo de violência de natureza étnica ou religiosa. Para tanto, o autor faz uma nova interpretação do debate sobre as classes sociais para enfatizar o quanto é problemático uma afirmativa neoliberal, que busca explicar problemas de natureza étnica, sexual ou discriminatória sem levar em conta o próprio capitalismo. Para Zizek os problemas do mundo contemporâneo, que envolvem tensões entre grupos sociais distintos (gays, imigrantes, mulçumanos, etc.), vão muito além de questões culturais, religiosas ou de identidade. O exemplo desta reflexão pode ser observado em diversas passagens do livro quando o autor busca reafirmar a necessidade em colocar o tema das classes sociais como ponto central para explicar boa parte dos problemas contemporâneos, negando assim uma análise explicativa de cunho puramente multicultural nos moldes do pensamento liberal.

Mais adiante, o autor aprofunda sua análise sobre o antisemitismo em obras como *A questão judaica* escrita por Marx, bem como, *A dialética do esclarecimento* redigida por Adorno e Horkheimer, para afirmar a necessidade de se compreender determinadas questões sociais, políticas e econômicas que surgem como problemas de identidade, mas que na sua essência são, em grande parte, movidas pelos interesses obscuros que fazem girar a roda catastrófica do capital. O resultado disto ficou evidente ao longo do século XX no holocausto e nas formas modernas de extermínio em massa como os ocorridos em Ruanda e na Antiga Iugoslávia de Milosevic. "Por trás da fachada de guerra étnica, discernimos, portanto, os contornos do capitalismo global" (*Ibidem*, 92). O que pareciam conflitos de natureza étnica ou religiosa são, na sua essência, apelos à aniquilação promovida pela sana incontrolável do capital, na busca por saídas diante das crises econômicas geradas pela sua própria natureza destrutiva. O texto enfatiza a complexidade deste tipo de abordagem ao apelar para possíveis contradições envolvendo os fenômenos aqui relatados, ou seja, nada impede que indisposições religiosas, políticas, identitárias sejam canalizadas para a aniquilação, cujo pano de fundo principal são as disputas dentro da lógica da sociedade capitalista. Criticando o liberalismo e o fundamentalismo, buscando uma ideia de totalidade no qual incorpore a multiplicidade de fatores que envolvem um determinado problema, Zizek busca como saída contra o liberalismo em decadência, uma esquerda renovada. Essa visão otimista defendida pelo autor se une a sua crítica contra as ideologias que buscam esconder a barbárie entre tutsis e hutus em Ruanda, o conflito na Bósnia ou mesmo nas ações terroristas em nome de

ideologias religiosas analisadas de forma superficial pelo pensamento liberal. O mais interessante neste capítulo é a firmeza e consistência teórica com que Slavoj Zizek discute temas tão polêmicos, sem perder de foco os limites entre o conhecimento científico e a erudição necessária a um intelectual engajado com a luta política do seu tempo.

O debate proposto no capítulo terceiro reforça ainda mais o empenho científico do autor para sustentação das hipóteses por ele levantadas nos dois primeiros capítulos do livro. Aqui o autor retoma alguns temas importantes para o pensamento crítico, como a noção de Revolução a partir da sua leitura de Alain Badiou⁴, assim como, a necessidade em se fazer uma leitura da noção de classes sociais em Lukács, especificamente no livro *História e consciência de classes*, no qual este autor considera mais importante a luta política para fazer a revolução do que ficar a espera das condições objetivas para que a revolução seja implementada. Além disso, Zizek busca, neste capítulo, propor uma crítica à visão pós-moderna, ao mesmo tempo em que reelabora algumas lacunas nos trabalhos de Marx, especialmente a questão das classes sociais e mais ainda o papel da crítica da economia política como chave para interpretação das contradições do mundo contemporâneo. O esforço em propor uma revisão teórica tanto de alguns pressupostos de Marx, assim como, nas obras de autores marxistas mais recentes, como Adorno e Horkheimer, contribui bastante para um novo tipo de análise sobre temas complexos antes impensáveis tanto para o próprio Marx, quanto para os teóricos frankfurtianos. Todavia categorias como fetichismo da mercadoria, teoria do valor e classes sociais não perderam a sua relevância quando se pensa o capitalismo contemporâneo. Logo são categorias que Zizek aposta dentro da sua abordagem multidisciplinar para compreender o real enquanto uma pluralidade de fenômenos que circundam dentro de uma lógica reprodutiva, mediada pelas novas formas de exploração e organização regidas pelo capitalismo de cunho multifacetado.

O quarto capítulo aborda um aspecto muito interessante neste final dos tempos que se traduz nos traumas que os indivíduos ou a sociedade sofreram na história moderna. Utilizando-se das formulações freudianas e lacanianas sobre o tema, Zizek busca explicações plausíveis para situações extremas causadas pelos ataques das bombas atômicas nas cidades japonesas, nos ataques terroristas do 11 de setembro ou mesmo na violência simbólica junto com a exclusão social. Utilizando-se de categorias freudianas como, por exemplo, a “pulsão de morte” é possível, através desta releitura, compreendermos o nível traumático no qual indivíduos e sociedade são expostos dentro de uma determinado contexto histórico, como foram as duas grandes guerras ou mesmo a violência nos grandes centros urbanos da atualidade. Para tanto, o autor aprofunda seu estudo mesclando acontecimentos brutais do século XX com o tipo de sujeito do século XXI “pós-traumático”, cuja expressão mais evidente são as vítimas de terrorismo, catástrofes naturais ou vítimas de violência familiar.

a “pulsão de morte” não é uma força de oposição ao libido, mas uma lacuna constitutiva que distingue a pulsão do instinto (...) sempre descarrilado, preso num círculo de repetição, marcado por um excesso impossível. [Ou seja]: Eros e Tanatos não são pulsões opostas que competem e combinam suas forças (como no masoquismo erotizado); há apenas uma única pulsão,

⁴ Ver: Alain Badiou, *A hipótese comunista* lançado pela Boitempo no Brasil em 2012.

a libido, que luta pelo gozo, e a "pulsão de morte" é o espaço curvo de sua estrutura forma. (Ibidem, p. 211).

A forma como o autor discute os problemas contemporâneos neste capítulo, reflete sua proposta em unir materialismo histórico com psicanálise para o estudo tanto dos reflexos do liberalismo no mundo moderno, quanto suas formas ideológicas de dominação que repercute nas diversas formas de violência e exclusão. Mais adiante, o autor evidencia um quadro de catástrofes inevitáveis conforme a visão apocalíptica que segundo ele, coloca a humanidade diante do fim dos tempos. São elas:

colapso ecológico, redução biogenética dos seres humanos a máquinas manipuláveis, controle informatizado total de nossa vida. Em todos esses níveis, a situação se aproxima do ponto zero, "o fim dos tempos está próximo". (Ibidem, 219).

É importante destacar, segundo Zizek, que estamos diante de um problema de proporções globais, porém não é demais ressaltar que o capitalismo de hoje tende a explorar catástrofes (guerras, crises políticas, desastres naturais, etc.) para burlar restrições sociais e obter lucros inimagináveis diante de uma grande destruição. "Os futuros desastres ecológicos, longe de abalar o capitalismo, talvez lhe sirva de estímulo" (Ibidem, p. 222).

Em resumo, o autor ressalta neste capítulo a capacidade destrutiva do capital e suas possíveis saídas diante da aniquilação, porém jamais teremos certeza sobre até quando o planeta suportará tamanho grau de destruição caso uma alternativa não seja elaborada para mudar os rumos da humanidade.

Por fim, o quinto capítulo explora algumas características do mundo contemporâneo que tem na publicidade um apelo ao capitalismo ideológico de cunho ético que valoriza o cuidado com a natureza, o bem-estar dos doentes, dos pobres e dos necessitados. Saímos assim da luta política para uma sociedade de risco tornando o conhecimento científico uma arma poderosa onde o especialista detém o conhecimento sobre problemas específicos da nossa sociedade, tais como problemas ambientais gerados pela engenharia genética ou problemas de natureza religiosa ou sexual. Esses problemas passam por mãos de especialista "conscientes" da sua importância sendo, portanto, agentes difusores do modo de vida da sociedade pós-industrial. Aqui Zizek aponta para um novo tipo de capitalismo global, que vai além e perpassa as diversas culturas e civilizações.

O capitalismo é a primeira ordem socioeconômica que *destotaliza* o significado: na "visão de mundo capitalista" global ou "civilização capitalista" propriamente dita: a lição fundamental da globalização é justamente que o capitalismo pode se acomodar a todas as civilizações, da cristã à hinduista, passando pela budista, do Ocidente ao Oriente. A dimensão global do capitalismo só pode ser formulada no nível da verdade sem significado, como o "real" do mecanismo global de mercado. (Ibidem, p.256).

Diante de inúmeras polêmicas, Zizek aposta ainda de forma otimista na luta pelo bem comum conforme os pressupostos do comunismo, porém em virtude da complexidade dos problemas de ordem política, econômica, social e ambiental, resta saber se teremos condições reais para a superação destes entraves gerados pelo capitalismo a nível global. A luta é necessária e se faz urgente, conforme aponta Zizek, mas não podemos descartar a

ideia apocalíptica de final dos tempos tamanha é o desejo incontrolável do capital pela busca incessante pelo lucro.

Em suma, o livro de Zizek é um excelente convite para refletirmos sobre os males que acometem a sociedade atual e seus possíveis desdobramentos futuros que pode se traduzir, seja numa mudança radical da sociedade na direção de uma sociedade mais justa, ou mesmo no retorno a estados regressivos de selvageria e barbárie ou, na pior das hipóteses, a extinção total da humanidade através das armas de destruição em massa. Logo, resta lutar, esperar ou viver no fim dos tempos!